

Fatores determinantes da qualidade da informação contábil em companhias abertas listadas na BM&FBovespa

Geovanne Dias de Moura^a; Karina Ziliotto^a; Sady Mazzioni^a

^a Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Informações do Artigo

Histórico do Artigo

Recebido: 26 de novembro de 2015

Aceito: 17 de agosto de 2016

Palavras chave:

Fatores determinantes.

Qualidade da informação contábil.

Companhias abertas brasileiras.

Resumo

O estudo objetivou analisar os fatores determinantes da qualidade da informação contábil em companhias abertas listadas na BM&FBovespa. A qualidade da informação foi analisada por meio do gerenciamento de resultados e os fatores determinantes observados foram a concentração acionária, governança corporativa, nível de competição do mercado e proporção de ativos intangíveis. Para atender ao objetivo proposto, realizou-se pesquisa descritiva, conduzida por meio de abordagem quantitativa em uma amostra de companhias abertas listadas na BM&FBovespa, com dados disponíveis no período de 2008 a 2014. Os resultados demonstraram que, entre os fatores investigados no período, somente dois se confirmaram. Um deles foi o fator competitividade, cujo coeficiente positivo e significativo indicou que menor competitividade estava relacionada com maior gerenciamento de resultados. O outro fator foi intangibilidade, que apresentou coeficiente negativo e significativo, sinalizando que as empresas que possuíam maiores proporções de ativos intangíveis nos seus ativos totais apresentavam menores índices de gerenciamento.

Copyright © 2016 FEA-RP/USP. Todos os direitos reservados

1 INTRODUÇÃO

A contabilidade é responsável por processar e organizar dados de maneira a propiciar aos seus usuários uma base segura para a tomada de decisões, ou seja, a contabilidade deverá prover informações que possibilitem a compreensão do estado em que se encontra a entidade (BEATTY; LIAO, 2014). Nesse sentido, a evidenciação das informações contábeis torna-se relevante para os diversos usuários.

De acordo com Iudícibus (2006, p. 129), evidenciar significa “[...] apresentar informação quantitativa e qualitativa de maneira ordenada, deixando o menos possível para ficar de fora dos demonstrativos formais, a fim de propiciar uma base adequada de informação para o usuário”. A evidenciação contábil ocorre, principalmente, por meio das demonstrações contábeis, que se tornam a base para uma ampla extensão da análise empresarial por parte dos diversos *stakeholders* (PALEPU; HEALY; BERNARD, 2004).

As demonstrações contábeis, pela necessidade de propiciarem revelação suficiente sobre a entidade devem, obrigatoriamente, conter quatro principais características qualitativas: compreensibilidade, relevância, confiabilidade e comparabilidade; que juntas proporcionam aumento na qualidade da informação contábil (CPC, 2008). Além disso, quando ocorre falta de transparência nas evidenciações contábeis, quando os relatórios contábeis são manipulados, ou ainda, quando existe um número excessivo de itens não recorrentes, torna-se baixa a qualidade da informação para os usuários (PAULO; MARTINS, 2007).

A qualidade da informação contábil é condição indispensável para a segurança no momento de examinar a empresa, por isso, diversos estudos nacionais, tais como Antunes et al. (2010), Barros, Soares e Lima (2013), Barros et al. (2014), Dallabona, Martins e Klann (2014), Moura, Theiss e Cunha (2014), Piccoli, Souza e Silva (2014), Silva et al. (2014), Mazzioni et al. (2015), Moura et al. (2016) e internacionais, como por exemplo, Bagaeva (2008), Lee e Masulis (2009), Chaney, Faccio e Parsley (2011), Anagnostopoulou e Tsekrekos (2014), Hu, Li e Zhang (2014) e Ran et al. (2014), têm analisado propriedades da informação contábil.

Autor Correspondente: Tel (49) 3321-8000

E-mail: geomoura@terra.com.br (G. D. Moura); karinaziliotto@unochapeco.edu.br (K. Ziliotto); sady@unochapeco.edu.br (S. Mazzioni)

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Avenida Senador Atilio Fontana, 591 -E - Efapi, Chapecó - SC, 89809-000, Brasil.

Para medir a qualidade da informação contábil não existe apenas uma única métrica, mas sim, diversos modelos que capturam diferentes propriedades, dentre elas: gerenciamento de resultados, conservadorismo, relevância, tempestividade da informação, persistência e oportunidade (WANG, 2006; LOPES, 2009; ALMEIDA, 2010; MOURA; THEISS; CUNHA, 2014; HERCULANO; MOURA, 2015). Nesta pesquisa, a qualidade da informação contábil será observada por meio do gerenciamento de resultados, assim como ocorreu nos estudos de Coelho e Lopes (2007), Nardi et al. (2009), Formigoni et al. (2012), Silva et al. (2014), Mazzioni et al. (2015) e Moura et al. (2016). Estes estudos destacam que menor gerenciamento de resultados reflete maior qualidade nas informações contábeis.

Os principais fatores que têm sido apontados como capazes de influenciar na qualidade são concentração acionária (BAPTISTA, 2008; GONZAGA; COSTA, 2009; ALMEIDA, 2010; SARLO NETO; LOPES; DALMÁCIO, 2010; SARLO NETO; RODRIGUES; ALMEIDA, 2010; BALDEZ, 2015; HERCULANO; MOURA, 2015) e governança corporativa (LOPES, 2009; MARTINEZ, 2011; GABRIEL; SILVEIRA, 2011; BARROS; SOARES; LIMA, 2013; ERFURTH; BEZERRA, 2013; MANSOR et al., 2013; PICCOLI; SOUZA; SILVA, 2014; MAZZIONI et al., 2015). Todavia, existem outros fatores ainda pouco explorados, como o nível de competitividade de mercado (DHALIWAL et al., 2008; ALMEIDA, 2010) e o nível de intangibilidade (KLAPPER; LOVE, 2004; MOURA; THEISS; CUNHA, 2014).

No Brasil, apesar do interesse pela pesquisa desse tema ser crescente, a investigação dos fatores que podem influenciar na qualidade da informação contábil, e mais especificamente no gerenciamento de resultados, ainda constitui um tema cujas pesquisas apresentam resultados bastante divergentes, evidenciando lacunas que merecem atenção. Diante desse contexto, a questão de pesquisa que orienta este estudo é: Quais são os fatores determinantes da qualidade da informação contábil em companhias abertas brasileiras? Assim, o objetivo do estudo consiste em analisar os fatores determinantes da qualidade da informação contábil em companhias abertas listadas na BM&FBovespa. A qualidade da informação contábil será analisada por meio do gerenciamento de resultados e os fatores determinantes observados serão a concentração acionária, governança corporativa, nível de competição do mercado e proporção de ativos intangíveis.

O estudo justifica-se, principalmente, em razão de divergências constatadas em resultados de pesquisas anteriores de mesma natureza e que geram inquietações (ALMEIDA, 2010; GABRIEL; SILVEIRA, 2011; BARROS; SOARES; LIMA, 2013; MOURA; THEISS; CUNHA, 2014; MAZZIONI et al., 2015). Além disso, contribui para fortalecer o entendimento sobre o tema no cenário brasileiro e estende a discussão ao abordar fatores ainda pouco explorados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A revisão da literatura apresenta os conceitos que sustentam o assunto pesquisado e serve de base para análise dos dados coletados. A subseção da qualidade da informação contábil apresenta a abordagem multidimensional do tema. A subseção que trata dos fatores determinantes para a qualidade da informação contábil discute a influência da concentração acionária, da governança corporativa, do nível de competitividade do mercado e dos ativos intangíveis.

2.1 Qualidade da informação contábil

Um dos objetivos da contabilidade é fornecer informações a respeito das mutações ocorridas no patrimônio da entidade, permitindo sua análise e controle, além de projetar os resultados futuros esperados. Nesse sentido, Oliveira, Müller e Nakamura (2000) descrevem que a contabilidade tem o intuito de fornecer informações úteis e condizentes com a demanda de seus usuários internos e/ou externos, de maneira transparente e compreensível, fornecendo elementos para subsidiar o processo de tomada de decisões. Ressalta, também, que o usuário da informação contábil pode ser qualquer pessoa física ou jurídica que tenha interesse no andamento e nos resultados da entidade, independentemente de sua atividade.

A contabilidade como mecanismo de informação possibilita a identificação, mensuração e avaliação do real desempenho econômico financeiro da empresa (NARDI et al., 2009). Se construída de maneira adequada, a informação contábil facilita a avaliação dos fatos econômicos e a tomada de decisões de investimentos (OLEIRO;

DAMEDA; VICTOR, 2007).

A informação contábil estudada e transmitida de maneira qualificada, suprimindo a necessidade do usuário, tem a capacidade de influenciar as expectativas dos agentes econômicos à medida que refletem benefícios econômicos futuros. À medida que os cenários ficam mais competitivos, ressalta-se a importância da qualidade da informação como uma das preocupações de qualquer negócio (ALMEIDA, 2010).

Informação contábil de má qualidade conduz a maiores custos de agência e proporciona inadequada proteção aos acionistas (DYCK; ZINGALES, 2004). De outro modo, a qualidade da informação contábil tem consequências econômicas positivas, a exemplo da diminuição nos custos de capital (LEUZ; VERRECCHIA, 2000), redução da assimetria de informação entre gestores e fornecedores externos de capital, melhoria da eficiência nos investimentos e na alocação do capital (BUSHMAN; PIOTROSKI, 2006; BIDDLE; HILARY, 2006), além do aumento da mobilidade internacional do capital (YOUNG; GUENTHER, 2003).

A qualidade contábil é um conceito multidimensional e não há uma concordância ou abordagem geralmente aceita para sua mensuração (GAIO, 2010). Para aferição da qualidade da informação contábil são utilizadas diferentes métricas, tais como o gerenciamento de resultados, conservadorismo, relevância, tempestividade, persistência e oportunidade (WANG, 2006; LOPES, 2009).

Dentre as diversas alternativas para análise da qualidade da informação, Baptista (2008) destaca que o gerenciamento de resultados é um tema que, no decorrer dos anos, tem recebido atenção expressiva na literatura acadêmica em contabilidade no Brasil. O gerenciamento de resultados reflete um conjunto de práticas adotadas pelo gestor, objetivando a geração de resultados desejáveis de maneira estratégica podendo ser oriundo da geração de valores ou criação de artifícios contábeis (REDENZE, NAKAO, 2012).

Nesse aspecto, entende-se que o gerenciamento de resultados é uma maneira de camuflar a realidade da entidade sem necessariamente fugir das normas e regras contábeis. Deste modo, tal prática pode resultar em prejuízos aos usuários, onde os demonstrativos podem não apresentar a real situação econômica e financeira da entidade, em detrimento de informações do interesse de seus gestores (REZENDE; NOKAO, 2012).

2.2 Fatores determinantes para a qualidade da informação contábil

Os principais fatores que têm sido apontados na literatura nacional como capazes de influenciar na qualidade da informação contábil são: a concentração acionária (BAPTISTA, 2008; GONZAGA; COSTA, 2009; ALMEIDA, 2010; SARLO NETO; LOPES; DALMÁCIO, 2010; SARLO NETO; RODRIGUES; ALMEIDA, 2010; BALDEZ, 2015; HERCULANO; MOURA, 2015) e a governança corporativa (LOPES, 2009; MARTINEZ, 2011; GABRIEL; SILVEIRA, 2011; BARROS; SOARES; LIMA, 2013; ERFURTH; BEZERRA, 2013; MANSOR et al., 2013; PICCOLI; SOUZA; SILVA, 2014; MAZZIONI et al., 2015). Porém, existem outros fatores ainda pouco explorados por pesquisadores nacionais, como o nível de competitividade de mercado (ALMEIDA, 2010) e o nível de intangibilidade (MOURA; THEISS; CUNHA, 2014).

Em relação a concentração acionária, nas companhias abertas brasileiras, geralmente, poucos acionistas possuem o controle das ações com direito a voto, o que pode resultar em um dos principais conflitos de agência, ou seja, o conflito entre acionistas minoritários e majoritários (GONZAGA; COSTA, 2009). Então, nesse cenário, a informação contábil transforma-se em um importante instrumento de monitoramento, haja vista que as demonstrações contábeis possibilitam o monitoramento da gestão (MARTINEZ, 2011).

Herculano e Moura (2015) investigaram a sua influência sobre a qualidade da informação contábil em um conjunto de empresas brasileiras de diversos setores econômicos da BM&FBovespa. Concluíram que a concentração de capital poderia ser um fator influenciador para a qualidade da informação contábil, uma vez que, na maioria dos setores as empresas que possuíam maior concentração de capital, eram aquelas que possuíam maior qualidade na informação contábil. Uma justificativa descrita pelos autores foi de que as empresas precisavam evidenciar informações de melhor qualidade para demonstrar transparência e credibilidade na sua administração.

No tocante a governança corporativa, esta pode ser compreendida como um conjunto de mecanismos internos e externos de incentivo e controle, com o propósito principal de garantir maior transparência das decisões tomadas pelos controladores (GABRIEL; SILVEIRA, 2011; BARROS; SOARES; LIMA, 2013; MAZZIONI et al., 2015).

A BM&FBovespa (2015) utiliza níveis de governança corporativa para diferenciar segmentos de listagem destinados à negociação de ações emitidas por empresas que se comprometem voluntariamente com a adoção

de práticas adicionais em relação ao exigido legalmente, no intuito de melhorar a qualidade das informações contábeis, ampliar os direitos dos acionistas, reduzir os riscos e incrementar os retornos para os investidores.

Os critérios de adesão aos níveis diferenciados de governança corporativa objetivam reduzir a assimetria informacional entre os investidores e as empresas participantes dos respectivos grupos, proporcionada pela expectativa de maior transparência das informações divulgadas, com a consequente redução no custo de captação de recursos no mercado (ALMEIDA et al., 2010).

A governança corporativa é regida de maneira responsável, transparente, com equidade e conforme os princípios legais. Assim, a adoção de boas práticas de governança corporativa pode contribuir para a elaboração de demonstrações contábeis revestidas de confiabilidade e fidedignidade, elevando o potencial de valorização das ações (ERFURTH; BEZERRA, 2013).

A competição é uma das preocupações das empresas que pretendem sobreviver em longo prazo (ANTUNES; CÉSAR, 2007). Com o alto nível de competitividade, surge a necessidade de maior qualidade da informação contábil que está interligada diretamente ao ambiente econômico, político e social no qual as organizações se encontram, além dos aspectos culturais, geográficos e temporais (PAULO; MARTINS, 2007).

A globalização econômica e o crescimento do comércio eletrônico fizeram com que aumentasse o nível de competição entre as organizações, exigindo informações de maior qualidade, ou seja, obrigando a empresa a diferenciar-se de seus concorrentes para sua manutenção em um mercado competitivo (FAMÁ; PEREZ, 2006).

Nesse sentido, Almeida (2010) argumenta que os investidores de uma empresa de capital aberto, em um alto nível de competição, exigirão da organização informações de melhor qualidade para poder compará-las e reavaliar seus investimentos com a intenção de evitar possíveis prejuízos.

Na medida em que a informação perde sua relevância, há também a perda do interesse dos investidores externos. Assim, a informação contábil torna-se uma ferramenta de auxílio a qualquer decisão. A informação contábil, sendo de qualidade e transparente, evita custos acelerados e insegurança por parte dos acionistas. Qualquer informação disponibilizada de maneira indevida pode incorrer em custos reais no mercado (ALMEIDA, 2010).

Em relação ao nível de intangibilidade, Oliveira et al. (2014) afirmam que os recursos intangíveis podem melhorar o desempenho das organizações, ou seja, se analisados de forma adequada podem se tornar um grande componente para elaborar estratégias para a empresa continuar competindo no mercado.

Atualmente, os ativos intangíveis são considerados uma potencialidade para a competitividade empresarial, que se forem divulgados, pode resultar em vantagens na competição entre as empresas no mercado. Assim, transparecerá para o investidor que a organização os conhece e sabe quanto valem, por isso, o reconhecimento e a mensuração dos intangíveis reflete na qualidade da informação contábil (ANTUNES; LEITE, 2008).

Todavia, Moura, Theiss e Cunha (2014) relatam que a influência dos ativos intangíveis na qualidade da informação contábil ainda é um fator pouco explorado por pesquisadores brasileiros. Além disso, os autores destacam que as empresas com maiores investimentos em ativos intangíveis possuem maiores incentivos para demonstrar informações contábeis de qualidade para transparecer aos investidores que não farão uso indevido desses ativos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender ao objetivo proposto, realizou-se pesquisa descritiva e de abordagem quantitativa. A população da pesquisa compreendeu as companhias abertas listadas na Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo – BM&Fbovespa. As companhias que exerciam atividades financeiras e que não tinham informações necessárias para todas as variáveis utilizadas e em todos os anos investigados foram excluídas da amostra.

Após estes procedimentos, a amostra da pesquisa foi composta por 271 companhias em 2008, 278 em 2009, 285 em 2010, 290 em 2011, 294 em 2012, 296 em 2013 e 293 em 2014. O período de análise da pesquisa refere-se aos anos de 2008 a 2014. Adotou-se como marco inicial o ano de 2008 porque este foi o período inicial de adoção das normas internacionais de contabilidade no Brasil.

Inicialmente, foi analisada a qualidade da informação contábil, por meio do gerenciamento de resultados.

Para isso, foi necessário determinar os *accruals* totais, pela comparação entre o lucro líquido e o fluxo de caixa operacional das empresas, calculado pelo método indireto. Após, por regressão matemática, foram estimados os *accruals* discricionários. Todos os dados foram obtidos no banco de dados Economática e para o cálculo da regressão linear, entre vários métodos, foi utilizado o modelo Jones Modificado (DECHOW; SLOAN; SWEENEY, 1995), conforme Equação 1:

$$AT_{it} = \alpha_1 \left(\frac{1}{AT_{it-1}} \right) + \alpha_2 (\Delta RT_{it} - \Delta CR_{it}) + \alpha_3 (AP_{it}) + \varepsilon_{it} \quad (1)$$

Em que:

AT_{it} = *Accruals* totais da empresa *i* no ano *t*;

A_{it-1} = Ativo total da empresa no final do ano *t-1*;

ΔRT_{it} = Variação da receita líquida da empresa *i* do ano *t-1* para o ano *t*;

ΔCR_{it} = Variação da conta duplicatas a receber (clientes) da empresa *i* do ano *t-1* para o ano *t*;

AP_{it} = Ativo Imobilizado (e intangíveis) da empresa *i* no ano *t*;

ε_{it} = resíduo da regressão para a empresa *i* no ano *t*.

No cálculo, ocorre a ponderação dos valores pelos ativos para evitar a influência do tamanho da empresa nos resultados. O modelo Jones Modificado é um dos mais utilizados na literatura, bem como fornece uma maior praticidade na execução. Além disso, o modelo Jones Modificado gera *accruals* sólidos ao desempenho e oportunismo, destacando os *accruals* discricionários. Como exemplos de estudos nacionais que utilizaram o modelo Jones Modificado podem ser citados Coelho e Lopes (2007), Nardi et al. (2009), Formigoni et al. (2012), Silva et al. (2014), Mazzioni et al. (2015) e Moura et al. (2016).

Em seguida, foram coletados os dados dos fatores apontados na literatura como determinantes da qualidade da informação contábil, como destacado no construto da pesquisa, apresentado no Quadro 1.

Tipo	Variáveis	Descrição Como calcular	Fonte de dados	Autores
Dependente	Gerenciamento de resultados	Modelo Jones Modificado	Banco de dados Economática	Dechow, Sloan e Sweenwy (1995)
Independente	Nível de competitividade do mercado	Índice de Herfindahl-Hirschman (HHI)	Banco de dados Economática	Dhaliwal et al. (2008); Almeida (2010)
Independente	Proporções de ativos intangíveis	Total dos ativos intangíveis / Ativo total	Banco de dados Economática	Klapper e Love (2004); Moura, Theiss e Cunha (2014)
Independente	Concentração acionária	Percentual total de ações (ON + PN)	Banco de dados Economática	Ball e Shivakumar (2005); Almeida (2010); Hadani, Goranova e Khan (2011); Moura e Beuren (2011)
Independente	Governança Corporativa	Índice de Ações com Governança Corporativa Diferenciada (IGCX): Listada no IGCX = 1 Não listada no IGCX = 0	Website da BM&FBovespa	Martinez (2011); Gabriel e Silveira (2011); Barros, Soares e Lima (2013); Mansor et al. (2013); Mazzioni et al. (2015)

Quadro 1. Quadro das variáveis dependentes e independentes
Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme é possível verificar no Quadro 1, como *proxy* para o nível de competitividade do mercado, foi utilizado o índice de Herfindahl-Hirschman (HHI), que mensura a concentração de mercado por meio da soma dos quadrados das parcelas (*market share*) de cada empresa, o que possibilita caracterizar o tipo de concorrência em que tais empresas se encontram (LIJESSEN, 2004).

Se em um determinado setor, por exemplo, existirem duas empresas e cada uma possuir exatamente 50% das vendas, então o HHI será $(0,5)^2 + (0,5)^2 = 0,5$. Se no setor existirem três companhias, uma com 50% e as outras com o restante (25% cada), então o HHI será $(0,5)^2 + (0,25)^2 + (0,25)^2 = 0,375$. Deste modo, quanto menor o índice, maior é a competitividade do setor (LIJESSEN, 2004; BENSANKO et al., 2006).

Bensanko et al. (2006) apresentam três classificações para os resultados do HHI: a) quando os índices estão abaixo de 0,20, a concorrência tende a ser perfeita, ou seja, existe um grande número de produtores e consumidores e nenhuma empresa pode, por si só, influenciar o mercado, logo, a intensidade da concorrência pode ser feroz; b) segunda classe, denominada de oligopólio, ocorre quando os índices estão entre 0,20 e 0,60 e, nesta classe, um grupo de empresas promove o domínio de determinada oferta de produtos ou serviços. Portanto, cada uma tem que considerar os comportamentos e as reações das outras quando tomam decisões de mercado. Neste caso, a concorrência pode ser feroz ou leve, dependendo da rivalidade entre as empresas; c) quando os índices são superiores a 0,60, os autores mencionam que se têm a terceira classe, denominada de monopólio, que ocorre a partir do momento em que uma empresa detém o mercado de um determinado produto ou serviço, impondo seus preços. Assim, a intensidade da concorrência costuma ser leve, a não ser que seja ameaçada pela entrada de novas empresas.

A avaliação da competitividade, por meio do índice HHI já foi realizada por outros pesquisadores, tais como Dhaliwal et al. (2008), Giroud e Mueller (2010) e Almeida (2010), em que o índice é calculado pela seguinte fórmula:

$$HHI = \sum_{i=1}^n \beta_i^2$$

Em que β_i representa o percentual do ativo total da empresa em relação ao total da amostra. Os valores de ativo total das companhias foram obtidos por meio do banco de dados Economatica, conforme Quadro 1. Optou-se por utilizar valores de ativo total em vez do total de vendas, do mesmo modo que nos estudos de Lijesen (2004), Dhaliwal et al. (2008), Giroud e Mueller (2010) e Almeida (2010), pois, conforme apontam esses autores, o ativo total tem menor oscilação no decorrer dos períodos e captura outras características, como tamanho e ativos controlados pelas companhias.

Em relação à proporção de ativos intangíveis, foi calculado, para cada empresa, o percentual dos ativos intangíveis em relação ao ativo total de cada ano, da mesma forma que adotado no estudo de Moura, Theiss e Cunha (2014). Quanto à concentração acionária, utilizou-se o percentual total de ações (ordinárias mais preferenciais) em posse dos controladores, seguindo os estudos de Ball e Shivakumar (2005), Almeida (2010), Moura e Beuren (2011), Hadani, Goranova e Khan (2011) e Macêdo, Moura e Hein (2013).

Como *proxy* para governança corporativa, conforme Quadro 1, utilizou-se o Índice de Ações com Governança Corporativa Diferenciada (IGCX) da BM&FBovespa. O IGCX é um índice que segundo a BM&FBovespa (2014) [...] “tem por objetivo medir o desempenho de uma carteira teórica composta por ações de empresas que apresentem bons níveis de governança corporativa. Tais empresas devem ser negociadas no Novo Mercado ou estar classificadas nos Níveis 1 ou 2 da BM&FBovespa”. Então, criou-se uma variável categórica que recebeu valor “1” quando a empresa da amostra estava listada no IGCX e “0” caso contrário.

Após a coleta dos dados, foi realizada a análise. Para tal, utilizou-se a regressão linear múltipla para verificar a influência dos fatores determinantes na qualidade da informação contábil. Destaca-se que foram observados os pressupostos de normalidade, por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov; multicolinearidade, por meio do fator de inflação de variância – VIF e Tolerance; homocedasticidade, por meio do teste de Pesarán-Pesarán; e ausência de autocorrelação serial, por meio do teste de Durbin-Watson.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Essa seção contém a descrição e análise dos dados. Primeiramente, apresentam-se as estatísticas

descritivas da variável do gerenciamento de resultados do período de 2008 a 2014. Em seguida, apresentam-se os resultados da regressão linear múltipla que possibilitou verificar o poder preditivo dos fatores (competitividade, intangibilidade, concentração acionária e governança corporativa) no gerenciamento de resultados do período de 2008 a 2014. Na Tabela 1 apresentam-se os índices de gerenciamento de resultados das empresas da amostra, referentes ao período de 2008 a 2014.

Tabela 1. Estatística descritiva dos índices de gerenciamento de resultados do período de 2008 a 2014

Ano	Índices de gerenciamento de resultados (Accruals discricionários)	Quantidade de empresas	
		Nº	%
2008	< -0,10	13	5
	-0,10 a - 0,01	27	10
	0,0 a 0,10	62	23
	> 0,10	169	62
2009	> -0,10	38	14
	-0,10 a 0,00	107	38
	0,01 a 0,10	94	34
	> 0,10	39	14
2010	> -0,10	59	21
	-0,10 a 0,00	85	30
	0,01 a 0,10	88	31
	> 0,10	53	19
2011	> -0,10	53	18
	-0,10 a 0,00	127	44
	0,01 a 0,10	89	31
	> 0,10	21	7
2012	> -0,10	35	12
	-0,10 a 0,00	115	39
	0,01 a 0,10	110	37
	> 0,10	34	12
2013	> -0,10	31	10
	-0,10 a 0,00	115	39
	0,01 a 0,10	116	39
	> 0,10	34	11
2014	> -0,10	30	10
	-0,10 a 0,00	104	35
	0,01 a 0,10	131	45
	> 0,10	28	10

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se na Tabela 1 que o sentido maior dos ajustamentos de competência, para o ano de 2008, foi de aumentar o resultado, pois 85% das 271 empresas possuíam índices positivos, ou seja, superiores a 0. Destaca-se, ainda no ano de 2008, que em 62% das empresas os ajustamentos de competência ocorreram em maiores proporções (> 0,10), visando aumentar os resultados contábeis.

Em relação ao ano de 2011, é possível observar na Tabela 1 que o número de empresas que realizaram gerenciamento de maiores proporções com índices positivos e superiores a 0,10 reduziu para 39, ou seja, de 62% em 2008 para apenas 14% em 2009. Verifica-se na Tabela 1 que, dentre as 278 empresas com índices calculados em 2009, em 52% delas os ajustamentos de competência ocorreram para reduzir os resultados contábeis e em 48% dos casos o gerenciamento ocorreu para aumentar os resultados.

No ano de 2010, de modo geral, o número de empresas que realizaram gerenciamento para redução

e para aumento dos resultados mantiveram-se semelhantes, ou seja, 51% e 49%, respectivamente. No entanto, houve um aumento no percentual de empresas que realizaram gerenciamento de menores proporções e redução no percentual de empresas que realizaram gerenciamento de maiores proporções. Quanto ao ano de 2011, constata-se na Tabela 1 que o percentual de empresas que realizaram gerenciamento negativo de baixas proporções elevou-se, passando de 30% em 2010 para 44% em 2011. O percentual de empresas que realizaram gerenciamento negativo de maiores proporções teve uma pequena redução de 21% para 18% em 2011. Destaca-se ainda, no ano de 2011, que o percentual de empresas que realizaram gerenciamento positivo de maior proporção reduziu para apenas 5% do total de 290 empresas com índices calculados.

No ano de 2012 e 2013, outra vez, o número de empresas que realizaram gerenciamento para redução e para aumento dos resultados mantiveram-se próximos de 50%, respectivamente, assim como ocorreu no ano de 2010. No entanto, houve um aumento no percentual de empresas que realizaram gerenciamento de menores proporções, sendo 77% em 2012 e 78% em 2013. Em relação ao ano de 2014, verifica-se na Tabela 1 que o número de empresas que realizaram gerenciamento positivo de baixas proporções (0,00 a 0,10) se elevou para 131, ou seja, de 39% em 2013, para 45% em 2014. Verifica-se na Tabela 1 que, dentre as 293 empresas com índices calculados em 2014, em 54% delas os ajustamentos de competência ocorreram para aumentar os resultados contábeis e em 46% dos casos o gerenciamento ocorreu para reduzir os resultados. De modo geral, os resultados foram similares aos evidenciados por Mazzioni et al. (2015) e por Moura et al. (2016) que investigaram o gerenciamento de resultados em amostras de empresas no período de 2010 a 2013 e que também identificaram índices de gerenciamento de baixas proporções na maioria dos casos.

Na Tabela 2 apresentam-se os coeficientes da regressão, que possibilitam analisar o poder preditivo dos fatores determinantes sobre o gerenciamento de resultados (dependente). Ressalta-se que os índices de gerenciamento podem ser tanto positivos, quanto negativos. Deste modo, apesar do índice em uma determinada empresa ser negativo, -0,10, por exemplo, não significa que, proporcionalmente, o gerenciamento foi menor do que o praticado em uma empresa que apresentou índice positivo equivalente a 0,10. A diferença é que, enquanto uma delas realizou gerenciamento para reduzir o resultado, a outra, realizou para aumentar o resultado. Todavia, em termos proporcionais, o gerenciamento realizado foi similar. Por isso, neste estudo, ao gerar a regressão, foram utilizados os índices de gerenciamento em valores absolutos, pois, quanto mais distante de zero for o índice, seja positivo ou negativo, significa que haverá maior gerenciamento nos resultados. Então, para não gerar uma regressão equivocada foram ignorados os sinais negativos e foram considerados os índices em valores absolutos.

Tabela 2. Coeficientes da equação da influência dos fatores determinantes no gerenciamento de resultados

Variáveis	Coeficientes	Estatística-t
(Constante)	0,09	0,72
Competitividade	0,34	8,02*
Intangibilidade	-0,04	-5,28*
Concentração	-0,01	-1,25
Governança	0,02	0,28
2009	0,15	12,15*
2010	-0,01	-0,04
2011	-0,01	-0,09
2012	-0,03	-2,68*
2013	-0,01	-0,08
2014	0,01	0,10
R ² Ajustado	0,17	
F-ANOVA	43,31*	
Durbin Watson	1,89	
Pesarán-Pesarán	1,73	
VIF/Tolerance	<10	

* Significativo a 1%

Variável dependente: Gerenciamento

Variáveis independentes: (Constante), Competitividade, Intangibilidade, Concentração, Governança, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014.

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível verificar na Tabela 2 que o R^2 ajustado foi de apenas 17%. Entretanto, é similar ao registrado em outras pesquisas anteriores, como de Sarlo Neto, Rodrigues e Almeida (2010), que apresentaram regressões com R^2 ajustado entre 7,36% e 22,28%, Martinez (2011), com R^2 ajustado entre 4,2% e 15,3%, Mansor et al. (2013), que se basearam em regressões com R^2 ajustado entre 17,67% e 22,30% e Hu, Li e Zhang (2014), com R^2 entre 4,82% e 13,59. Além disso, o teste F-ANOVA foi significativo, ou seja, o conjunto de variáveis independentes exerce influência sobre a variável dependente.

Nota-se ainda, na Tabela 2, que o resultado da estatística de Durbin-Watson demonstra que não há problemas de autocorrelação dos resíduos, já que o seu valor foi de 1,89. O teste de comportamento dos resíduos (Pesarán-Pesarán) demonstra que o pressuposto da homocedasticidade não foi violado. E, o fator VIF e o Tolerance apresentaram valores inferiores a 10. Portanto, não houve problema de multicolinearidade entre as variáveis independentes do modelo.

Em relação aos coeficientes da equação, verifica-se na Tabela 2 um coeficiente positivo de 0,34 e significativo para a variável competitividade. Destaca-se que a *proxy* utilizada para competitividade foi o índice de Herfindahl-Hirschman (HHI). Quanto menor o índice, maior é a competitividade do setor e, de modo contrário, quanto maior o índice, menor é a competitividade. Portanto, o coeficiente positivo indica que maiores índices de HHI, ou seja, menor competitividade está relacionado com maior gerenciamento de resultados. Este resultado está alinhado com os argumentos de Almeida (2010) de que os gestores das empresas situadas em ambientes com maior nível de competitividade ficam menos propícios às práticas oportunistas, haja vista que a competitividade pode exercer um efeito disciplinador. Ademais, o autor ressalta que os investidores de empresas em um alto nível de competição exigirão da organização informações de melhor qualidade.

Nota-se, também na Tabela 2, que a variável intangibilidade apresentou coeficiente negativo de -0,04 e estatisticamente significativo (0,00). Esse resultado indica que as empresas que possuem maiores proporções de ativos intangíveis nos seus ativos totais apresentam menores índices de gerenciamento. O resultado é similar ao de Moura, Theiss e Cunha (2014) que também verificaram que as empresas com maiores investimentos em ativos intangíveis divulgavam informações de melhor qualidade, visando aumento da transparência. Também é possível verificar na Tabela 2 que as variáveis de concentração acionária e governança corporativa não apresentaram coeficientes estatisticamente significantes. A falta de significância não permite afirmar que estas variáveis influenciam no gerenciamento de resultados.

No tocante a concentração acionária, o resultado difere dos encontrados por Baptista (2008) e por Herculano e Moura (2015) que constataram que maior concentração poderia resultar em um efeito restritivo do comportamento oportunista dos gestores e, por consequência, em maior qualidade da informação contábil. Também difere dos resultados de Sarlo Neto, Rodrigues e Almeida (2010), Sarlo Neto, Lopes e Dalmácio (2010) e Baldez (2015) que verificaram que maior concentração influenciava para menor qualidade da informação contábil, indicando que empresas que possuíam grandes controladores poderiam estar interessadas em melhorar a imagem e a valorização da empresa no mercado. Porém, o resultado está alinhado *àquele encontrado por* de Gonzaga e Costa (2009), que não identificou influência da concentração acionária sobre a qualidade da informação contábil.

Quanto à governança corporativa, o resultado difere dos encontrados nos estudos de Martinez (2011), Barros, Soares e Lima (2013) e Piccoli, Souza e Silva (2014) que constataram que a governança poderia ser vista como um instrumento de policiamento do comportamento inadequado dos gestores e que influenciava para um aumento na qualidade da informação contábil. Todavia, os resultados estão alinhados aos de Erfurth e Bezerra (2013) e Mazzioni et al. (2015) que também verificaram que a governança não interfere em tal comportamento dos gestores.

Dentre as variáveis *dummy* que representam o período de 2008 a 2014, apenas duas delas (2009 e 2012) revelaram-se estatisticamente significantes. A variável *dummy* referente ao ano de 2009, com coeficiente positivo de 0,15, indica uma tendência para aumento do gerenciamento neste período. De modo contrário, a variável *dummy* referente ao ano de 2012, com coeficiente negativo de -0,03, indica uma tendência para redução do gerenciamento. Os demais anos não apresentaram significância estatística.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou analisar os fatores determinantes da qualidade da informação contábil em companhias abertas listadas na BM&FBovespa. A qualidade da informação contábil foi analisada por meio do gerenciamento

de resultados e os fatores determinantes observados foram a concentração acionária, governança corporativa, nível de competitividade do mercado e proporção de ativos intangíveis. Para atender ao objetivo proposto, realizou-se pesquisa descritiva, conduzida por meio de abordagem quantitativa em uma amostra de companhias abertas listadas na BM&FBovespa, com dados disponíveis no período de 2008 a 2014.

Quanto a qualidade da informação contábil, os resultados foram similares aos de Mazzioni et al. (2015) e aos de Moura et al. (2016) que investigaram o gerenciamento de resultados em amostras de empresas no período de 2010 a 2013 e que também identificaram índices de gerenciamento de baixas proporções na maioria dos casos. Uma possível justificativa para estes resultados é que estas empresas podem estar gerenciando seus resultados por meio da prática de suavização, cujo propósito é evitar a excessiva flutuação dos resultados contábeis, tornando-os mais previsíveis. Ressalta-se que a previsibilidade é um atributo desejável da informação contábil, sobretudo para os analistas financeiros e investidores.

Os resultados evidenciaram também que entre os fatores concentração acionária, governança corporativa, competitividade e intangibilidade, que foram apontados na literatura como influenciadores na qualidade da informação contábil, somente dois confirmaram os pressupostos teóricos na amostra investigada. Um deles foi o fator competitividade, cujo coeficiente positivo e significativo indicou que menor competitividade estava relacionada com um maior gerenciamento. Este resultado encontra-se alinhado aos argumentos de Almeida (2010) de que os gestores das empresas situadas em ambientes com maior nível de competitividade ficam menos propícios às práticas oportunistas, pois a competitividade pode exercer um efeito disciplinador. Além disso, o autor ressalta que os investidores de empresas situadas em ambientes de maior competitividade exigirão da organização informações de melhor qualidade. O outro fator é intangibilidade, que apresentou coeficiente negativo e significativo, sinalizando que as empresas que possuem maiores proporções de ativos intangíveis nos seus ativos totais apresentavam menores índices de gerenciamento. Este resultado é similar ao de Moura, Theiss e Cunha (2014) que também verificaram que as empresas com maiores investimentos em ativos intangíveis divulgavam informações de melhor qualidade visando aumento da transparência.

De modo contrário, as variáveis concentração acionária e governança corporativa não apresentaram significância estatística. Em relação a concentração acionária, uma justificativa para este resultado recai no fato de que no Brasil a propriedade concentrada é a estrutura predominante na maioria das empresas e, conseqüentemente, não influencia na qualidade da informação contábil.

No que se refere a governança corporativa, a *proxy* utilizada foi o Índice de Ações com Governança Corporativa Diferenciada (IGCX) da BM&FBovespa. Para integrarem este índice as empresas devem estar listadas nos Níveis 1, ou 2, ou no Novo Mercado da BM&FBovespa. Assim, o resultado sugere que os níveis de governança não interferem no comportamento discricionário dos gestores.

O resultado do poder explicativo do modelo utilizado, ajuda a consolidar os pressupostos teóricos prévios de que os fatores determinantes dos atributos da qualidade da informação contábil são múltiplos, devendo-se considerá-los em conjunto, no momento das avaliações. Além disso, destaca-se que a pesquisa orientou-se no sentido de contribuir para os estudos teóricos e empíricos sobre fatores que influenciam na qualidade da informação contábil. Assim, estes achados fornecem evidências adicionais para a literatura existente, além de serem relevantes para os diversos usuários das informações contábeis, como analistas e investidores, por exemplo.

Contudo, não tem a pretensão de indicar conclusões definitivas ou por um ponto final à discussão sobre o tema. Na verdade, pretende incentivar outras linhas de pesquisa e metodologias, que possam validar os resultados a que se chegou ou, ainda, permitir que um leque de diferentes análises seja revelado. O tema, a despeito da relativa importância e crescente discussão no meio acadêmico, merece destaque, haja vista a necessidade de se fortalecer o entendimento das análises e conclusões.

Os resultados também despertam o interesse para novas pesquisas, sendo assim, recomenda-se verificar se o setor de atuação interfere nos resultados encontrados. Outras sugestões são que fatores diversos dos investigados neste estudo sejam pesquisados, também outros períodos de tempo, bem como, outras proxies para a qualidade da informação contábil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. E. F. **Qualidade na informação contábil em ambientes competitivos**. 2010. 174 f. Tese

(Doutorado em Ciências Contábeis) - Faculdade de Economia, Administração, e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ALMEIDA, M. A.; SANTOS, J. F.; FERREIRA, L. F. V. M.; TORRES, F. J. V. Evolução da qualidade das práticas de governança corporativa: um estudo das empresas brasileiras de capital aberto não listadas em bolsa. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 5, p. 907-924, 2010.

ANAGNOSTOPOULOU, S. C.; TSEKREKOS, A. E. Accounting quality, information risk and implied volatility around earnings announcements. **Journal of International Financial Markets, Institutions and Money**, 2014.

ANTUNES, G. A.; TEIXEIRA, A. J. C. D.; COSTA, F. M. D.; NOSSA, V. Efeitos da adesão aos níveis de governança da bolsa de valores de São Paulo na qualidade da informação contábil. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, v. 3, n. 1, p. 109-138, 2010.

ANTUNES, M. T. P.; CÉSAR, A. M. R. V. C. A gestão do capital humano sob o enfoque contábil – um fator de competitividade empresarial. **Revista de Economia e Relações Internacionais**, v. 6, n. 11, p. 5-25, 2007.

ANTUNES, M. T. P.; LEITE, R. S. Divulgação de informações sobre ativos intangíveis e sua utilidade para analistas de investimentos. **Revista Universo Contábil**, v. 4, n. 4, p. 22-38, 2008.

BAGAEVA, A. An examination of the effect of international investors on accounting information quality in Russia. **Advances in Accounting**, v. 24, n. 2, p. 157-161, 2008.

BALDEZ, B. H. F. **Gerenciamento de resultados e estrutura de propriedade e controle: evidências empíricas das empresas brasileiras de capital aberto**. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.

BALL, R.; SHIVAKUMAR, L. Earnings quality UK private firms: comparative loss recognition timeliness. **Journal of Accounting and Economics**, v. 39, n. 1, p. 83-128, 2005.

BAPTISTA, E. M. B. **Análise do perfil das empresas brasileiras segundo o nível de gerenciamento de resultados**. 2008. 303 f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

BARROS, C. M. E.; SOARES, R. O.; LIMA, G. A. S. F. A relação entre governança corporativa e gerenciamento de resultados em empresas brasileiras. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 19, p. 27-39, 2013.

BARROS, M. E.; MENEZES, J. T.; COLAUTO, R. D.; TEODORO, J. D. Gerenciamento de resultados e alavancagem financeira em empresas brasileiras de capital aberto. **Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 17, n. 1, p. 35-55, 2014.

BARTH, M. E.; LANDSMAN, W. R.; LANG, M. H. International accounting standards and accounting quality. **Journal of Accounting Research**, v. 46, n. 3, p. 467-498, 2008.

BEATTY, A.; LIAO, S. Financial accounting in the banking industry: A review of the empirical literature. **Journal of Accounting and Economics**, v. 58, n.1, p. 339-383, 2014.

BESANKO, D.; DRANOVE, D.; SHANLEY, M.; SCHAEFER, S. **A economia da estratégia**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

BIDDLE, G. C.; HILARY, G. Accounting quality and firm-level capital investment. **The Accounting Review**, v. 81, n. 5, p. 963-982, 2006.

BM&FBovespa. Disponível em: <http://www.bmfbovespa.com.br/home.aspx?idioma=ptbr>. Acesso em: Out. 2015.

BOAVENTURA, J. M. G.; JÚNIOR, P. C.; PEREIRA, C. E. C.; RODRIGUES, F. A. M. Proposição de métricas para avaliação de competitividade em redes de negócio: uma aplicação no setor siderúrgico brasileiro. **Revista de Administração UFSM**, v. 7, n. 4, p. 532-548, 2014.

BUSHMAN, R. M.; SMITH, A. J. Financial accounting information and corporate governance. **Journal of Accounting and Economics**, v. 32, n. 1-3, p. 237-333, 2006.

CHANEY, P. K.; FACCIO, M.; PARSLEY, D. The quality of accounting information in politically connected firms. **Journal of Accounting and Economics**, v. 51, n. 1, p. 58-76, 2011.

COELHO, A. C. D.; LIMA, I. S. Segmentos de governança da Bovespa: diferenças nos graus de conservadorismo condicional na divulgação de resultados contábeis. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, v.1, n. 1, p. 17-32, 2008.

COELHO, A. C. D.; LOPES, A. B. Avaliação da prática de gerenciamento de resultados na apuração de lucro por companhias abertas brasileiras conforme seu grau de alavancagem financeira. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, p. 121-144, 2007.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS - CPC. **Pronunciamento Conceitual Básico**, 2008. Disponível em: www.cpc.org.br. Acesso em: Set. 2010.

MOURA, G. D.; THEISS, V.; CUNHA, P. R. Ativos intangíveis e gerenciamento de resultados: uma análise de empresas brasileiras listadas na BM&FBOVESPA. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 11, n. 2, p. 111-122, 2014.

DALLABONA, L. F.; MARTINS, J. A. S.; KLANN, R. C. Utilização do gerenciamento de resultados para a redução de custos políticos: uma análise a partir da DVA. **Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 12, n. 2, p. 91, 2014.

DANTAS, J. A.; GALDI, F. C.; CAPELLETTO, L. R.; MEDEIROS, O. R. D. Discricionariedade na mensuração de derivativos como mecanismo de gerenciamento de resultados em bancos. **Revista Brasileira de Finanças**, v. 11, n. 1, p. 17-48, 2013.

OLIVEIRA, M. O. R.; SCHOSSLER, D. P.; CAMPUS, R. E.; LUCE, F. B. Ativos intangíveis e o desempenho econômico-financeiro: comparação entre os portfólios de empresas tangível-intensivas e intangível-intensivas. **Revista de Administração da UFSM**, v. 7, n. 4, 2014.

DECHOW, P. M.; SLOAN, R. G.; SWEENEY, A. P. Detecting earnings management. **The Accounting Review**, v. 70, n. 2, p. 193-225, 1995.

DHALIWAL, D.; HUANG, S.; KHURANA, I. K.; PEREIRA, R. **Product market competition and accounting conservatism**. Available at SSRN 1266754, 2008.

DYCK, A.; ZINGALES, L. Private benefits of control: an international comparison. **Journal of Finance**, v. 59, n. 2, p. 537-600, 2004.

ELSTON, J. A.; GOLDBERG, L. G. Executive compensation and agency costs in Germany. **Journal of Banking & Finance**, v. 27, p. 1391-1410, 2003.

ERFURTH, A. E.; BEZERRA, F. A. Gerenciamento de resultados nos diferentes níveis de governança corporativa. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 10, n. 1, p. 32-42, 2013.

FAMÁ, R.; PEREZ, M.M. Ativos intangíveis e o desempenho empresarial. **Revista Contabilidade e Finanças**, n. 40, p. 7-24, 2006.

FORMIGONI, H.; ANTUNES, M. T. P.; PAULO, E.; PEREIRA, C. A. Estudo sobre os incentivos tributários para o gerenciamento de resultados contábeis nas companhias abertas brasileiras. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 9, n. 1, p. 41-52, 2012.

FRANCIS, J.; LAFOND, R.; OLSSON, P.; SCHIPPER, K. The market pricing of earnings quality. **Available at SSRN 414140**, 2002.

GABRIEL, F.; SILVEIRA, A. D. M. Qualidade da informação contábil e análise de sua relação com a estrutura de governança corporativa das firmas no Brasil. In: 11º CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 11, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2011.

GAIO, C. The relative importance of firm and country characteristics for earnings quality around the world. **European Accounting Review**, v. 19, n. 4, p. 693-738, 2010.

GIROUD, X.; MUELLER, H. M. Corporate governance, product market competition, and equity prices. August 22, 2008. ECGI – **Finance Working Paper n. 219/2008**. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=1247715>>. Acesso em: 20 out. 2015.

GONZAGA, R. P.; COSTA, F. M. A relação entre o conservadorismo contábil e os conflitos entre acionistas controladores e minoritários sobre as políticas de dividendos nas empresas brasileiras listadas na Bovespa. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 20, n. 50, p. 95-109, 2009.

HADANI, M.; GORANOVA, M.; KHAN, R. Institutional investors, shareholder activism, and earnings

management. **Journal of Business Research**, v. 64, n. 12, p. 1352-1360, 2011.

HERCULANO, H.A.; MOURA, G. D. Informação contábil e concentração acionária: Análise sob a ótica da persistência e da oportunidade. **Revista Ambiente Contábil**, v. 7, n. 2, p. 231-247, 2015.

HU, J.; LI, A. Y.; ZHANG, F. F. Does accounting conservatism improve the corporate information environment?. **Journal of International Accounting, Auditing and Taxation**, v. 23, n. 1, p. 32-43, 2014.

IUDÍCIBUS, S. de. **Teoria da Contabilidade**. 8. ed., São Paulo: Atlas, 2006.

JENSEN, M.C.; MECKLING, W.H. Theory of the firm: managerial behavior, agency costs and ownership structure. **Journal of Financial Economics**, v. 3, n. 4, p. 305-360, 1976.

KLANN, R.C.; KREUZBERG, F.; POPIK, F.; SALLA, N.G. Fatores relacionados ao nível de divulgação de ativos intangíveis após a adoção das IFRS por empresas do IGC da BM&FBOVESPA. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 13, n. 38, p. 37-51, 2014.

KLAPPER, L. F.; LOVE, I. Corporate governance, investor protection, and performance in emerging markets. **Journal of Corporate Finance**, v. 10, n. 5, p. 703-728, 2004.

LEE, G.; MASULIS, R. W. Seasoned equity offerings: Quality of accounting information and expected flotation costs. **Journal of Financial Economics**, v. 92, n. 3, p. 443-469, 2009.

LEUZ, C.; VERRECCHIA, R. The economic consequences of increased disclosure. **Journal of Accounting Research**, v. 38, Supplement, p. 91-124, 2000.

LIJESSEN, M. G. Adjusting the Herfindahl index for close substitutes: an application to pricing in civil aviation. **Transportation Research Part**, v. 40, p. 123-134, 2004.

LOPES, A. B. **The relation between firm-specific corporate governance, cross-listing and the informativeness of accounting numbers in Brazil**. 2009. Tese de Doutorado. The University of Manchester, Manchester, 2009.

LOPES, L. M. S.; PINHEIRO, F. M. G.; DIAS FILHO, J. M. Gerenciamento de Resultados: um estudo das empresas do setor de telecomunicações no Brasil. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, v. 19, n. 1, p. 80-94, 2014.

MACÊDO, F.F.R.R.; MOURA, G.D.; HEIN, N. Investidores institucionais e práticas de governança corporativa: uma análise das maiores empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa. **Revista Iberoamericana de Contabilidad de Gestión**, v. XI, n. 21, p. 1-20, 2013.

MAIA, S. C.; BRESSAN, V. G. F.; LAMOUNIER, W. M.; BRAGA, M. J. Gerenciamento de resultados em cooperativas de crédito no Brasil. **Brazilian Business Review**, v. 10, n. 4, p. 96-116, 2013.

MANSOR, N.; CHE-AHMAD, A.; AHMAD-ZALUKI, N. A.; OSMAN, A. H. Corporate Governance and Earnings Management: A Study on the Malaysian Family and Non-family Owned PLCs. **Procedia Economics and Finance**, v. 7, p. 221-229, 2013.

MARTINEZ, A. L. Listagem em segmentos especiais de governança corporativa e a auditoria minimizam o gerenciamento de resultados por escolhas contábeis e por decisões operacionais? Evidências do Brasil. **Revista Universo Contábil**, v. 7, n. 4, p. 98-117, 2011.

MAZZIONI, S.; PRIGOL, V.; MOURA, G. D.; KLANN, R. C. Influência da governança corporativa e da estrutura de capital no gerenciamento de resultados. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 12, n. 27, 2015.

MOURA, G. D.; BEUREN, I. M. Conselho de administração das empresas de governança corporativa listadas na BM&FBovespa: análise à luz da entropia da informação da atuação independente DOI: 10.5007/2175-8077.2011v13n29p11. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 29, p. 11-37, 2011.

MOURA, G. D.; THEISS, V.; CUNHA, P. R. da. Ativos intangíveis e gerenciamento de resultados: uma análise em empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 11, n. 2, p.111-122, 2014.

MOURA, G. D.; MACÊDO, F. F. R. R.; MAZZIONI, S.; KRUGER, S. D. Análise da relação entre gerenciamento de resultados e custo de capital em empresas brasileiras listadas na Bm&fbovespa. **Revista**

Catarinense da Ciência Contábil, v. 15, n. 44, 2016.

NARDI, P. C. C.; SILVA, R. L. M.; NAKAO, S. H.; DO VALLE, M.R. A relação entre gerenciamento de resultados contábeis e o custo de capital das companhias abertas brasileiras. **Revista Universo Contábil**, v. 5, n.4, p. 06-26, 2009.

OLIVEIRA, A. G. de; MÜLLER, A. N.; NAKAMURA, W. T. A utilização das informações geradas pelo sistema de informação contábil como subsídio aos processos administrativos nas pequenas empresas. **Revista FAE**, v. 3, n. 3, p. 1-12, 2000.

OLEIRO, W. N.; DAMEDA, A. D.; VICTOR, F. G. **O uso da informação contábil na gestão de micro e pequenas empresas atendidas pelo programa de extensão empresarial**. NEE/FURG. Rio Grande: Sinergia, 2007.

PALEPU, K. G.; HEALY, P. M.; BERNARD, V. L. **Business Analysis Evaluation: Using Financial Statements**. 3. ed. Ohio: Thomson Learning, 2004.

PAULO, E.; MARTINS, E. Análise da qualidade das informações contábeis nas companhias abertas. In: 31º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Administração. **Anais.... ENANPAD**, 2007.

PICCOLI, P. G. R.; SOUZA, A. SILVA, W. V. As práticas de governança corporativa diminuem o gerenciamento de resultados? Evidências a partir da aversão na divulgação de prejuízos e de queda nos lucros. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 11, n. 22, p. 141-162, 2014.

RAN, G.; FANG, Q.; LUO, S.; CHAN, K. C. Supervisory board characteristics and accounting information quality: Evidence from China. **International Review of Economics & Finance**, 2014.

REIS, E. M.; CUNHA, J. V. A.; RIBEIRO, D. M. Análise do gerenciamento de resultados por meio de decisões operacionais nas empresas componentes do IBRX – Índice Brasil. **Advances in Scientific and Applied Accounting**. v. 7, n. 2, p. 201-223, 2014.

REZENDE, G. P.; NAKAO, S. H. Gerenciamento de resultados e a relação com o lucro tributável das empresas brasileiras de capital aberto. **Revista Universo Contábil**, v. 8, n. 1, p. 06-21, 2012.

SARLO NETO, A.; LOPES, A. B.; DALMÁCIO, F. Z. A influência da estrutura de propriedade sobre a informatividade dos lucros contábeis divulgados pelas empresas negociadas na Bovespa. **Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS**, v. 7, n. 4, p. 301-314, 2010.

SARLO NETO, A.; RODRIGUES, A.; DE ALMEIDA, J. E. F. Concentração de votos e acordo de acionistas: influências sobre o conservadorismo. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 21, n. 54, p. 6-22, 2010.

SILVA, A. F. D.; WEFFORT, E. F. J.; FLORES, E. D. S.; SILVA, G. P. D. Earnings management and economic crises in the brazilian capital market. **Revista de Administração de Empresas**, v. 54, n. 3, p. 268-283, 2014.

WANG, D. Founding family ownership and earnings quality. **Journal of Accounting Research**, v. 44, n. 3, p. 619-656, 2006.

YOUNG, D.; GUENTHER, D. A. Financial reporting environments and international capital mobility. **Journal of Accounting Research**, v. 41, n. 3, p. 553-579, 2003.